

### ENFERMAGEM NO CONTROLE DE INFECÇÕES HOSPITALARES NO CENTRO CIRÚRGICO: ESTRATÉGIAS, DESAFIOS E A IMPORTÂNCIA DA CCIH

**Ana Cristina Nunes de Alcântara<sup>1</sup>;**

<http://lattes.cnpq.br/9601072261369680>

**José Rafael Vieira Filho<sup>2</sup>;**

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

**Francisco José de Lima Cajazeiras<sup>3</sup>;**

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

**Maria Ticiano Cassimiro dos Santos<sup>4</sup>;**

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

**Maria Glória de Oliveira<sup>5</sup>;**

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

**Thais Magalhães Rodrigues<sup>6</sup>;**

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

**Dara Cesario Oliveira<sup>7</sup>;**

<https://orcid.org/0000-0002-1708-1260>

**Emanuella Silva de Melo<sup>8</sup>;**

<https://lattes.cnpq.br/0000047849296300>

**Amanda Castro e Silva<sup>9</sup>;**

Docente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC Ceará.

<https://lattes.cnpq.br/4710881376840968>

**José Erivelton de Souza Maciel Ferreira<sup>10</sup>.**

Docente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC Ceará.

Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Ceará.

<https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

**RESUMO:** O objetivo deste estudo é compreender a importância do controle e combate às infecções hospitalares no centro cirúrgico, destacando o papel essencial do enfermeiro nesse processo. A pesquisa explora como as práticas rigorosas de controle de infecções são fundamentais para a segurança do paciente e a eficácia dos procedimentos cirúrgicos.

São analisadas as responsabilidades do enfermeiro na prevenção de infecções, incluindo a adesão a protocolos de assepsia, a monitorização de práticas de controle e a educação contínua da equipe. A importância da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) é abordada, enfatizando seu papel na formulação e implementação de estratégias de controle. Além disso, o estudo discute os desafios enfrentados pelos enfermeiros, como a necessidade de constante atualização dos conhecimentos, a gestão de recursos e a interação com outras equipes de saúde. A análise aponta para a necessidade de fortalecer o treinamento e o suporte para enfermeiros, bem como a implementação de políticas eficazes para garantir um ambiente cirúrgico seguro e livre de infecções.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infecção Hospitalar. Centro cirúrgico. Enfermagem. Controle de Infecções.

### **NURSING IN HOSPITAL INFECTION CONTROL IN THE SURGICAL CENTER: STRATEGIES, CHALLENGES, AND THE IMPORTANCE OF THE INFECTION CONTROL COMMITTEE**

**ABSTRACT:** The aim of this study is to understand the importance of controlling and combating hospital infections in the surgical center, highlighting the essential role of nurses in this process. The research explores how stringent infection control practices are fundamental for patient safety and the effectiveness of surgical procedures. The responsibilities of nurses in infection prevention are analyzed, including adherence to aseptic protocols, monitoring control practices, and continuous team education. The importance of the Hospital Infection Control Committee (HICC) is addressed, emphasizing its role in formulating and implementing control strategies. Furthermore, the study discusses the challenges faced by nurses, such as the need for constant knowledge updating, resource management, and interaction with other healthcare teams. The analysis points to the necessity of strengthening training and support for nurses, as well as implementing effective policies to ensure a safe and infection-free surgical environment.

**KEY-WORDS:** Hospital Infection. Surgical Center. Nursing. Infection Control.

## **INTRODUÇÃO**

Anualmente, ocorrem cerca de 234 milhões de procedimentos cirúrgicos em todo o mundo. Dessas cirurgias, aproximadamente 2 milhões resultam em complicações pós-operatórias, das quais estima-se que 50% poderiam ser evitadas com medidas adequadas (HENRIQUES; COSTA; LACERDA, 2016). Este cenário destaca a importância crítica de práticas eficazes de segurança do paciente para prevenir tais complicações e melhorar os desfechos clínicos.

A implantação e a implementação do Programa Nacional de Segurança do Paciente e do Protocolo de Segurança Cirúrgica são essenciais para alcançar esse objetivo. Esses protocolos visam garantir a identificação correta do paciente, a verificação da lateralidade cirúrgica e a utilização de uma lista de verificação recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O cumprimento desses procedimentos ajuda a reduzir erros e aumentar a segurança durante o ato cirúrgico (CARVALHO et al., 2015).

No entanto, o centro cirúrgico é um ambiente com elevado risco de incidentes devido à complexidade dos procedimentos e à presença de diversos microrganismos. Para enfrentar esses desafios, o Ministério da Saúde estabeleceu a implantação de um Protocolo de Segurança, que inclui o uso de uma Lista de Verificação (Checklist). Este protocolo já está em vigor na instituição onde foi realizada a pesquisa (BRASIL, 2013), e sua aplicação é crucial para a manutenção da qualidade da assistência e a prevenção de complicações.

A importância da Lista de Verificação (Checklist) no centro cirúrgico não pode ser subestimada. Ela ajuda a garantir que todas as etapas críticas do procedimento sejam realizadas corretamente e que todos os aspectos de segurança sejam contemplados. O protocolo de segurança visa reduzir o risco de eventos adversos e melhorar os resultados cirúrgicos por meio de práticas padronizadas e bem documentadas.

Além disso, o ambiente cirúrgico concentra uma variedade de microrganismos e materiais que podem representar riscos para a saúde tanto dos profissionais quanto dos pacientes. É fundamental seguir os protocolos estabelecidos pela Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), que incluem medidas de controle e prevenção para minimizar a incidência de infecções. Esses protocolos ajudam a proteger a saúde dos pacientes e a garantir um ambiente seguro para a realização de procedimentos (BARBOSA et al., 2021).

Durante procedimentos cirúrgicos, o risco de infecção é um dos maiores desafios. A atuação do enfermeiro é crucial para minimizar essas complicações por meio de precauções padrão e práticas adequadas. Falhas na esterilização de instrumentais, uso inadequado de equipamentos, e práticas inadequadas de lavagem das mãos são algumas das causas comuns de infecções hospitalares (SOUZA et al., 2021). Portanto, a educação contínua e a adesão rigorosa aos protocolos são fundamentais para a prevenção de infecções.

A presença de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e a correta utilização dos mesmos são essenciais para proteger tanto os profissionais quanto os pacientes. A exposição inadequada do paciente durante procedimentos cirúrgicos pode aumentar o risco de infecções, tornando a adesão aos protocolos uma prioridade (SOUZA et al., 2021). As práticas de controle de infecção devem ser incorporadas de forma consistente para garantir um ambiente seguro e eficaz.

Este estudo tem como objetivo compreender a importância do controle e combate às infecções hospitalares no centro cirúrgico, destacando o papel essencial do enfermeiro nesse processo. Através da análise de práticas e protocolos, pretendeu-se evidenciar como a atuação do profissional de enfermagem contribui para a prevenção de infecções

e a melhoria dos resultados cirúrgicos. A implementação eficaz de medidas preventivas e educativas é crucial para garantir a segurança do paciente e a qualidade da assistência cirúrgica.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **Histórico da Infecção Hospitalar**

A história das infecções hospitalares remonta ao século XVIII, uma época em que as condições sanitárias eram extremamente precárias. Naquele período, não havia separação eficaz entre indivíduos contaminados patologicamente e aqueles em recuperação, o que facilitava a transmissão de doenças (DUTRA et al., 2016). A falta de práticas de controle e prevenção contribuiu para a propagação de infecções, tornando o ambiente hospitalar um local propenso ao surgimento e disseminação de patógenos.

No Brasil, a conscientização sobre o controle e prevenção das Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS), inicialmente denominadas Infecção Hospitalar (IH), começou a ganhar destaque na década de 1970. Esse movimento surgiu em resposta a recomendações do Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS). Profissionais da saúde que já enfrentavam e estudavam esse problema criaram as primeiras Comissões de Controle e Prevenção de IH (CCIH) nos hospitais onde trabalhavam. Esta demanda foi impulsionada pela mudança na política de saúde, com o crescimento das práticas hospitalares e suas intervenções no corpo biológico (OLIVEIRA; SILVA; LACERDA, 2016).

De acordo com Santos (2010), a Infecção Hospitalar é uma patologia adquirida durante a hospitalização ou em procedimentos ambulatoriais. Essa condição pode envolver a presença de bactérias, fungos, vírus ou protozoários. Após a penetração desses microrganismos no corpo do hospedeiro, ocorre o seu desenvolvimento e multiplicação, levando à manifestação da infecção. A identificação precoce e o tratamento adequado são essenciais para a prevenção e controle dessas infecções.

O trabalho de Florence Nightingale foi fundamental para o desenvolvimento das práticas epidemiológicas e para a prevenção das infecções hospitalares. Suas descobertas e práticas, que enfatizavam a higiene e a limpeza, continuam a influenciar a prática clínica atual. Nightingale ajudou a identificar os fatores que contribuíam para a ocorrência de infecções e suas abordagens ainda são aplicadas na prevenção de doenças infecciosas (DUTRA et al., 2016).

No início do século XX, houve uma disseminação gradual dos princípios de esterilidade no campo cirúrgico. Couto, Cardoso e Pedrosa (2009) relatam que os conceitos de esterilidade levaram ao uso generalizado de luvas, capotes, gorros, máscaras e material cirúrgico estéril. Esses avanços foram cruciais para a redução da incidência de infecções em procedimentos cirúrgicos e estabeleceram padrões importantes para a prática hospitalar.

A demanda por controle e prevenção de infecções ganhou uma nova urgência após a morte do presidente recém-eleito Tancredo Neves, em 1985, atribuída a uma infecção cirúrgica. Oliveira, Silva e Lacerda (2016) destacam que esse evento desencadeou ações governamentais mais direcionadas, incluindo a criação de material instrucional e a oferta de cursos de introdução ao controle de infecções em hospitais. Essas medidas visavam ampliar a conscientização e a implementação de práticas eficazes em diversos hospitais.

De acordo com Silva et al. (2014), a Infecção Hospitalar representa um risco significativo à saúde dos pacientes, especialmente em ambientes hospitalares. A infecção manifesta-se de forma invasiva e impõe uma carga intensa ao sistema imunológico para combater os microrganismos invasores. A preocupação é ainda maior para pacientes de alta complexidade, que são manipulados com maior frequência e de forma mais invasiva, tornando-os mais vulneráveis a infecções que alteram a microbiota natural e podem causar IH.

Portanto, a contínua evolução das práticas de controle e prevenção de infecções hospitalares é essencial para garantir a segurança dos pacientes e a eficácia dos procedimentos médicos. O desenvolvimento e a implementação de protocolos rigorosos e a adesão a práticas de higiene e esterilidade são fundamentais para reduzir a incidência de infecções e melhorar os resultados clínicos.

## **A Importância do Centro Cirúrgico no Contexto Hospitalar**

A origem dos primeiros centros cirúrgicos remonta à antiguidade, quando a cirurgia ainda era incipiente e envolvia práticas rudimentares. Segundo Possari (2011), os primeiros centros cirúrgicos surgiram atrelados à história e evolução da medicina e cirurgia. Na antiguidade, o corpo humano era considerado uma incógnita pelos cirurgiões, levando-os a adotar tratamentos clínicos como forma de cura, já que os médicos eram temerosos de realizar operações (POSSARI, 2011, p. 25).

Com o avanço do conhecimento médico, as técnicas cirúrgicas evoluíram significativamente. Antigamente, as cirurgias eram realizadas sem normas ou técnicas assépticas, como demonstrado nas primeiras amputações feitas pelos “cirurgiões barbeiros”, em ambientes inadequados para procedimentos cirúrgicos. Com o tempo, houve uma grande transformação, levando ao surgimento das chamadas cirurgias robóticas. Os primeiros centros cirúrgicos surgiram na Antiguidade com a finalidade de facilitar o trabalho da equipe médica. No entanto, somente na era moderna houve a centralização das salas de cirurgia e áreas associadas, como lavabos, vestiários e laboratórios (CARVALHO; BIANCHI, 2007).

Apesar dos avanços na medicina, o controle de infecções no ambiente hospitalar continua sendo um grande desafio. A prevenção de infecções é a principal aliada da equipe cirúrgica para evitar complicações pós-cirúrgicas (REIS, 2014). Este desafio é exacerbado pela complexidade e diversidade dos fatores de risco presentes em ambientes cirúrgicos,

que exigem um controle rigoroso de todas as variáveis que podem contribuir para a ocorrência de infecções.

Portanto, o ambiente cirúrgico desempenha um papel crucial dentro do contexto hospitalar devido à sua peculiaridade e complexidade. É o local onde o paciente deposita toda a confiança na cura e onde o controle de assepsia é vital para minimizar o risco de infecção. A importância do centro cirúrgico também se reflete na formação de recursos humanos, no desenvolvimento de pesquisas científicas e na evolução de novas técnicas cirúrgicas (POSSARI, 2011).

A estrutura física do centro cirúrgico é um fator fundamental que impacta diretamente no controle de infecções. Entre os elementos essenciais desse ambiente, destacam-se a sala de recepção de pacientes, as salas de cirurgia, os lavabos, a sala de recuperação pós-anestésica e a sala de preparo e indução anestésica. A integração desses espaços é crucial para garantir um ambiente controlado e seguro para a realização dos procedimentos (BRASIL, 2002).

Além disso, o controle da contaminação ambiental na unidade de centro cirúrgico (CC) é essencial. Este controle abrange a limpeza dos pisos, paredes e equipamentos, a gestão do fluxo de pessoas na sala operatória, a movimentação de portas, o sistema de ventilação e a paramentação da equipe cirúrgica. A exposição à carga microbiana proveniente do ambiente e da equipe é um aspecto crítico que deve ser monitorado e gerenciado adequadamente (BARRETO, 2011).

A adesão a protocolos rigorosos e a prática contínua de medidas de controle são indispensáveis para manter a segurança e a eficácia das intervenções cirúrgicas. A implementação eficaz desses protocolos contribui para a redução da incidência de infecções e para a melhoria dos resultados clínicos, refletindo a importância do centro cirúrgico como um componente vital no sistema de saúde.

Finalmente, a evolução dos centros cirúrgicos e a constante adaptação às novas descobertas e tecnologias são fundamentais para enfrentar os desafios contínuos no controle de infecções e garantir a segurança dos pacientes durante e após os procedimentos cirúrgicos.

### **Contribuições da Enfermagem para o Controle de Infecções**

O surgimento da enfermagem em centros cirúrgicos está intrinsecamente ligado às inovações das técnicas assépticas introduzidas por Joseph Lister no final do século XIX. Lister revolucionou a prática cirúrgica ao implementar métodos de desinfecção que garantiram a realização de procedimentos mais seguros e complexos. As enfermeiras da época eram responsáveis pelo cuidado com o instrumental cirúrgico e pela aplicação das novas técnicas, desempenhando um papel crucial na prevenção de infecções (TURRINI et al., 2012). Este marco histórico é fundamental para entender a evolução das práticas de

controle de infecção e a crescente importância da enfermagem nesse contexto.

Durante o período perioperatório, o enfermeiro desempenha uma função essencial e sistemática. Suas responsabilidades incluem o levantamento de dados sobre o paciente, o estabelecimento de diagnósticos de enfermagem, a elaboração e implementação de planos de cuidado e a avaliação dos resultados alcançados. Este papel é vital para garantir a continuidade e a qualidade das atividades assistenciais no ambiente cirúrgico (LASAPONARI; BRONZATTI, 2013). A atuação diligente do enfermeiro contribui significativamente para a segurança do paciente e a eficácia do tratamento cirúrgico.

Florence Nightingale, uma figura pioneira na história da enfermagem, também desempenhou um papel crucial no controle de infecções. Durante a Guerra da Criméia, Nightingale introduziu práticas rigorosas de higiene e limpeza nos hospitais e padronizou procedimentos voltados à redução de infecções. Suas contribuições para as técnicas de antisepsia ainda são relevantes hoje, refletindo a importância da enfermagem na prevenção de infecções hospitalares (GIAROLA et al., 2012). A abordagem de Nightingale estabeleceu um padrão para a prática de cuidados de enfermagem que continua a ser seguido.

De acordo com a Lei nº 7.498/1986, o enfermeiro tem a responsabilidade legal pela prevenção e controle das infecções relacionadas à assistência à saúde (SANTOS et al., 2014). Embora o objetivo seja garantir que o ambiente cirúrgico esteja livre de infecções, na prática, a completa erradicação da flora microbiana é desafiadora. As medidas de limpeza, desinfecção e esterilização são essenciais, mas não suficientes por si só. O controle eficaz de infecções exige um conjunto de práticas contínuas e bem coordenadas para reduzir a carga microbiana.

Para alcançar um sucesso significativo na prevenção de infecções, é necessário um trabalho colaborativo entre gestores do Sistema Único de Saúde (SUS), conselhos profissionais e instituições de ensino e pesquisa. Esse esforço deve focar na discussão e no planejamento de estratégias eficazes para a prevenção e controle de infecções hospitalares, aplicando iniciativas e condutas específicas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). A colaboração entre diferentes setores é crucial para a implementação de práticas que garantam a saúde e segurança dos pacientes.

O desafio de prevenir danos aos usuários dos serviços de saúde e reduzir os prejuízos associados aos cuidados é crescente. Portanto, a atualização contínua dos protocolos e critérios diagnósticos para a prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde é fundamental (ANVISA, 2017). A revisão regular dos protocolos garante que as melhores práticas sejam seguidas e que as novas evidências científicas sejam incorporadas para melhorar a eficácia das medidas de controle.

O ambiente cirúrgico é de suma importância dentro do contexto hospitalar, dada a sua complexidade e a necessidade de controle rigoroso de infecções. A estrutura física do centro cirúrgico deve facilitar a interação entre os diversos espaços, incluindo salas de cirurgia, áreas de recuperação e laboratórios (BRASIL, 2002). A limpeza e a manutenção

adequadas desses espaços são essenciais para minimizar o risco de contaminação e garantir a segurança do paciente durante os procedimentos cirúrgicos.

Em resumo, a contribuição da enfermagem para o controle de infecções é fundamental e multifacetada. Envolve a aplicação rigorosa de práticas baseadas em evidências, a educação contínua dos profissionais e a colaboração com outras disciplinas. A implementação eficaz dessas práticas contribui para a segurança do paciente e a redução das infecções relacionadas à assistência à saúde.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo foi conduzido com o objetivo de analisar as práticas de prevenção e controle de infecções hospitalares em centros cirúrgicos, destacando a contribuição da enfermagem e identificando as melhores práticas e desafios atuais. A abordagem metodológica adotada é baseada em uma revisão extensiva de literatura e análise crítica das informações obtidas.

A pesquisa utilizou uma combinação de fontes de dados, incluindo revistas científicas, pesquisas no Google Scholar, trabalhos acadêmicos e aplicativos especializados. Este método de coleta permite uma análise ampla e diversificada das práticas atuais e das informações disponíveis sobre o controle de infecções em ambientes cirúrgicos. A abordagem é caracterizada por sua natureza qualitativa, permitindo uma compreensão mais aprofundada dos dados coletados.

A formulação do problema foi orientada pela questão central: “Como a prevenção e o controle de infecções são manejados em ambientes cirúrgicos?” Esta questão norteadora visa explorar a eficácia das estratégias de controle de infecções e avaliar a contribuição da enfermagem na melhoria dos resultados cirúrgicos. A pesquisa busca caracterizar as publicações existentes sobre infecção hospitalar em centros cirúrgicos e sintetizar as informações mais relevantes sobre o tema (BARDAQUIM et al., 2012).

A revisão da literatura envolveu a análise de publicações científicas e diretrizes relevantes sobre infecção hospitalar e práticas de controle em centros cirúrgicos. Foram revisados artigos, livros e documentos técnicos para identificar as melhores práticas e as principais lacunas na gestão de infecções. As fontes analisadas incluíram trabalhos históricos e contemporâneos sobre a evolução das técnicas assépticas e a importância do ambiente cirúrgico na prevenção de infecções (POSSARI, 2011; CARVALHO; BIANCHI, 2007).

A coleta de dados foi realizada através de uma busca sistemática nas publicações científicas e em veículos de informações relevantes. Os descritores utilizados na pesquisa foram: “Infecção hospitalar”, “Centro Cirúrgico Hospitalar” e “Enfermagem Cirúrgica”. Esses descritores foram selecionados para garantir uma cobertura abrangente dos temas relacionados ao controle de infecções em ambientes cirúrgicos e à atuação da enfermagem



nesse contexto.

A pesquisa destacou a contribuição significativa da enfermagem para o controle de infecções hospitalares. Enfatizou o papel dos enfermeiros no período perioperatório, incluindo a elaboração de planos de cuidado, a implementação de técnicas assépticas e a educação de equipes. O estudo analisou a importância das práticas de higiene e limpeza introduzidas por Florence Nightingale e como essas práticas continuam a influenciar a profissão.

A análise crítica incluiu uma avaliação das práticas atuais de controle de infecções, como limpeza e esterilização, e a eficácia dessas práticas no ambiente cirúrgico. Foram discutidos os desafios associados à manutenção de um ambiente asséptico e as estratégias para melhorar os protocolos existentes. O estudo também abordou a necessidade de uma colaboração mais eficaz entre gestores, conselhos profissionais e instituições de ensino para enfrentar os desafios crescentes relacionados às infecções hospitalares.

## RESULTADOS

Os dados foram obtidos a partir de uma variedade de fontes, incluindo periódicos especializados em enfermagem e estudos científicos, bem como informações publicadas em veículos de notícias relevantes. Essa abordagem multifacetada garantiu a inclusão de perspectivas tanto acadêmicas quanto práticas sobre o tema.

Os artigos analisados fornecem uma visão detalhada sobre o controle de infecções no ambiente cirúrgico, destacando a importância crucial da atuação da enfermagem nesse processo. Apesar dos avanços tecnológicos e científicos na área da saúde, o controle de infecções hospitalares (IH) continua a ser um desafio significativo. As dificuldades persistem, refletindo a necessidade contínua de revisão e aprimoramento das práticas e protocolos de controle de infecção (OLIVEIRA et al., 2016).

O processo de infecção hospitalar resulta de um desequilíbrio entre a microbiota normal e os mecanismos de defesa do paciente. Este desequilíbrio pode ser exacerbado por fatores como o uso de dispositivos invasivos, procedimentos terapêuticos ou diagnósticos, e a microbiota específica do paciente (ALVES et al., 2015). No ambiente do centro cirúrgico, a complexidade e a tecnologia avançada expõem tanto os pacientes quanto a equipe a riscos elevados, destacando a importância de um controle rigoroso das condições ambientais e práticas de limpeza.

O centro cirúrgico é um ambiente de alta complexidade e risco, onde a transmissão de infecções pode ser influenciada pela limpeza inadequada, padrões de circulação do ar, e o manejo incorreto de resíduos sólidos (CAVALCANTE et al., 2021). A limpeza e desinfecção das superfícies são fundamentais para a prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde. A presença de matéria orgânica e secreções pode aumentar a carga microbiana e, por conseguinte, o risco de infecção. Portanto, é essencial que os enfermeiros

supervisionem rigorosamente esses processos para garantir que os protocolos de limpeza sejam seguidos corretamente (ANVISA, 2010).

A gestão do ambiente cirúrgico também envolve o controle de aspectos como o fluxo de pessoas e a movimentação de portas, que podem contribuir para a contaminação (MANEGUETE et al., 2015). As precauções-padrão, como a higienização das mãos e o uso adequado de luvas cirúrgicas, são cruciais para minimizar a transmissão de patógenos e proteger tanto pacientes quanto profissionais de saúde (ANVISA, 2010). A adesão a essas práticas é vital para manter um ambiente seguro e reduzir a incidência de infecções.

A educação contínua da equipe e dos pacientes desempenha um papel essencial na prevenção de infecções. Orientações adequadas sobre cuidados com o sítio cirúrgico e a importância da higiene pessoal contribuem significativamente para a redução do risco de infecções (KOUKUBAUT et al., 2021). Pacientes que recebem informações claras e apropriadas têm menor probabilidade de desenvolver infecções e uma recuperação mais rápida. Assim, a educação deve ser adaptada às condições e ao nível de compreensão dos pacientes para ser eficaz.

Fatores socioculturais e condições de vida dos pacientes também afetam o risco de infecções. Baixa escolaridade e condições inadequadas de moradia podem dificultar o entendimento e a aplicação das orientações de cuidados, aumentando o risco de infecções (OLIVEIRA et al., 2016). É essencial que a educação seja personalizada para atender às necessidades e capacidades dos pacientes, garantindo que eles possam seguir corretamente as orientações recebidas.

A tricotomia e o banho pré-operatório são práticas recomendadas para a redução do risco de infecção. A tricotomia deve ser realizada com equipamentos adequados e somente quando indispensável, evitando o uso de lâminas de barbear, que podem causar microlesões na pele (PADOVEZE et al., 2016). O banho pré-operatório ajuda a remover a flora bacteriana transitória e deve ser realizado próximo ao horário do procedimento cirúrgico para maximizar sua eficácia.

A colaboração entre equipes multiprofissionais e gestores também é fundamental para a atualização de protocolos e a implementação de práticas eficazes para a prevenção e controle de infecções (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). A integração de esforços e a revisão contínua das práticas garantem a aplicação adequada das medidas preventivas e contribuem para a melhoria contínua dos processos de controle de infecções.

O papel do enfermeiro no centro cirúrgico é de extrema importância não apenas na aplicação das práticas de controle de infecções, mas também na educação da equipe e dos pacientes. A vigilância constante, o cumprimento rigoroso dos protocolos de limpeza e a educação contínua são responsabilidades chave do enfermeiro para garantir um ambiente seguro e eficaz para a realização de procedimentos cirúrgicos.

Limitações do estudo incluem a variação na qualidade dos artigos revisados e a possibilidade de viés nas publicações analisadas. Além disso, a análise pode não cobrir todas as práticas e desafios atuais no controle de infecções hospitalares, especialmente em diferentes contextos e locais. Futuras pesquisas poderiam explorar essas lacunas e fornecer uma visão mais abrangente e atualizada das práticas de controle de infecções no ambiente cirúrgico.

As contribuições deste estudo para a enfermagem são significativas, pois destacam a importância do papel do enfermeiro no controle de infecções e na educação contínua da equipe e dos pacientes. O estudo enfatiza a necessidade de protocolos rigorosos e práticas de limpeza eficazes, além de destacar a importância da personalização da educação para os pacientes. Essas informações podem orientar a prática clínica e a formação contínua dos profissionais de enfermagem, contribuindo para a melhoria das práticas e a redução das infecções hospitalares.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente análise sobre o controle e combate às infecções hospitalares no centro cirúrgico destaca a complexidade e a importância das práticas de enfermagem nesse contexto. O estudo revelou que, apesar dos avanços tecnológicos e das estratégias implementadas, a prevenção de infecções hospitalares continua a ser um desafio significativo, exigindo atenção constante e revisão contínua das práticas adotadas.

Os artigos analisados sublinham a importância do papel do enfermeiro no controle de infecções, evidenciando que a atuação eficaz nesse processo é crucial para garantir a segurança do paciente e a qualidade do atendimento. As práticas de controle, como a limpeza rigorosa do ambiente cirúrgico, a adesão a precauções-padrão e a educação contínua dos pacientes e da equipe, são fundamentais para a redução da incidência de infecções. O enfermeiro deve não apenas aplicar essas práticas, mas também supervisionar e educar outros membros da equipe, assegurando a conformidade com os protocolos estabelecidos.

A análise dos artigos destacou que a implementação eficaz das medidas de controle de infecções é frequentemente comprometida por fatores como a carga administrativa excessiva e as limitações estruturais do ambiente cirúrgico. A necessidade de equilíbrio entre as demandas administrativas e as práticas clínicas é uma consideração importante para garantir que a qualidade do cuidado não seja comprometida. Além disso, as condições socioculturais dos pacientes podem influenciar o risco de infecção, enfatizando a necessidade de personalização das orientações e estratégias educativas.

O estudo também apontou a relevância de práticas específicas, como a tricotomia e o banho pré-operatório, na redução do risco de infecção. A implementação de medidas preventivas, como a correta higienização das mãos e o uso apropriado de luvas cirúrgicas, é essencial para minimizar a transmissão de patógenos.

Apesar das limitações encontradas, como a variação na qualidade das publicações e a possível falta de abrangência na cobertura dos tópicos, o estudo contribui para a compreensão aprofundada do papel da enfermagem no controle de infecções hospitalares. As informações obtidas podem orientar práticas clínicas e formar a base para futuras pesquisas e melhorias na área. Em suma, a atuação do enfermeiro no controle de infecções hospitalares é vital para a segurança do paciente e a eficácia dos procedimentos cirúrgicos. O contínuo aprimoramento das práticas de controle, aliado à educação e ao treinamento contínuos, é fundamental para enfrentar os desafios persistentes e promover um ambiente cirúrgico seguro e eficaz.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, I. F. P.; ARAÚJO, L. C. C.; ALENCAR, D. R. I. N. Percepção de profissionais de enfermagem sobre infecção hospitalar. **Revista Ciência & Saúde Nova Esperança**, dez. 2016, v. 14, n. 2.

ALVES, D. C. I.; LACERDA, R. A. Evaluation of programs of infection control related to healthcare assistance in hospitals. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 49, spe, p. 65-73, 2015. doi: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420150000700010>.

BARDAQUIM, P. et al. Microbiota aérea em centro cirúrgico: contribuições da enfermagem no controle de infecção hospitalar. **Journal of Health Science Institute**, v. 30, n. 1, p. 48-52, jan./mar. 2012.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). **Cirurgia segura salva vidas: segundo desafio global para a segurança do paciente**. Geneva, 2009.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). **RDC nº 50, de 21 de fevereiro de 2002**. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/ca36b200474597459fc8df3fbc4c6735/RDC+N%C2%BA.+50,+DE+21+DE+FEVEREIRO+DE+2002.pdf?MOD=AJPERES>.

CAVALCANTE, G. C. et al. Estratégias para quebra de cadeia de transmissão de microrganismos por precaução por contato em pacientes imunossuprimidos. **Brazilian Journal Of Health Review**, v. 4, n. 4, p. 17455-17465, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3B8JXbk>.

COELHO, M. S.; SILVA, A. V.; FARIAS, S. M. Higienização das mãos como estratégia fundamental no controle da infecção hospitalar: um estudo quantitativo. **Enfermagem Global** (online), 2011, v. 10, n. 21.

DUTRA, G. G. **Controle de infecção hospitalar e outras complicações não infecciosas da doença: epidemiologia, controle e tratamento**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

KOUKOUBANI, T. et al. The role of antimicrobial resistance on long-term mortality and quality of life in critically ill patients: a prospective longitudinal 2-year study. **Health and Quality of Life Outcomes**, v. 19, n. 72, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12955-021-01712-0>.

MARINHO, B. G.; ULHOA, F. C.; PINHEIRO, M. E. C.; LARA, S. G. A. Papel do enfermeiro no combate e prevenção de infecções adquiridas no centro cirúrgico. **Revista Científica Online**. Disponível em: [atenas.edu.br](https://atenas.edu.br).

MENEGUETI, M. G.; CANINI, S. R. M. S.; BELLISSIMO-RODRIGUES, F.; LAUS, A. M. Evaluation of nosocomial infection control programs in health services. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 23, n. 1, p. 98-105, 2015. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0113.2530>.

OLIVEIRA, H. M.; SILVA, C. P. R.; LACERDA, R. A. Policies for control and prevention of infections related to healthcare assistance in Brazil: a conceptual analysis. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 50, n. 3, p. 505-511, 2016. doi: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420160000400018>.

PADOVEZE, M. C.; FORTALEZA, C. M.; KIFFER, C.; BARTH, A. L.; CARNEIRO, I. C.; GIAMBERARDINO, H. I. Structure for prevention of health care-associated infections in Brazilian hospitals: a countrywide study. **American Journal of Infection Control**, v. 44, n. 1, p. 74-79, 2016. doi: <https://doi.org/10.1016/j.ajic.2015.08.004>.

SIQUEIRA, L. N. dos S.; SANTOS, L. M. de; OLIVEIRA, T. A. S. A. da Silva; MAGALHÃES, A. O. **A percepção da equipe de enfermagem frente à segurança do paciente no centro cirúrgico**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Enfermagem, 2020. Disponível em: [repositoriodigital.univag.com.br](https://repositoriodigital.univag.com.br).